

# O VESTIDO DA RAINHA

Por *Flávio Romano Bernardes*

Naquela pracinha do bairro se reuniam alguns aposentados que gostavam de jogar xadrez e também alguns poucos bêbados, que ali repartiam entre si a cachaça comprada com dinheiro mendigado. Geralmente os bêbados não perturbavam os enxadristas, pois não desejavam atrair a atenção dos guardas que rondavam por ali, e o convívio entre esses distintos grupos de pessoas seguia relativamente amistoso dia após dia. Parecia dar certo a mistura dos dois tipos de ócio, cada um deles movido a um vício diferente.

Contudo havia um homem que transitava entre os dois grupos, um mendigo que jogava xadrez. Matias dormia lá mesmo na praça, sob o telhado de um posto desativado de informações turísticas. Andava por entre os tabuleiros com roupas já muito surradas e gastas, falava pouco e ria menos ainda, geralmente quando conseguia vencer algum jogo. Nessas vitórias ocasionais ele mostrava um sorriso perturbador, com alguns espaços escuros onde tinha havido dentes.

Ele tinha um jogo barato de peças de xadrez de plástico, que ficavam guardadas num pé de meia velho e imundo. Tocar naquela meia em busca de um bispo enroscado em meio aos fiapos encardidos era desagradável, mas, para evitar o constrangimento, os adversários não reclamavam daquele modo incomum de guardar as peças. O xadrez é mesmo um jogo de cavalheiros...

Diziam que uma desilusão amorosa tinha provocado o declínio de Matias. Ele gastou o pouco que tinha acumulado em anos de trabalho como contador e ainda se endividou para agradar uma tal Cidinha, mas, quando se acabaram os mimos, a mulher simplesmente foi embora — levando consigo uma boa parte da saúde mental do amante recém-abandonado. A mulher se foi; ficou um homem de meia idade sufocado em dívidas, um tanto esquivo e paranoico.

Ao que se sabia, depois do rompimento não demorou a Matias perder o emprego, e a partir disso ele não mais conseguiu se aprumar. Aos poucos a ruína lhe escancarou as portas da rua, e foi quando ele passou a viver num desvão da pracinha — sob a benevolência dos guardas que não queriam agravar aquela situação por si só bastante miserável.

Já não muito certo das ideias, frequentemente Matias falava de pessoas que o seguiam pelas ruas, de processos judiciais que moveria por supostas calúnias e difamações que lhe eram dirigidas. Ao término dos jogos, qualquer palavra mal colocada era logo interpretada como perseguição e ataque pessoal. Era um sujeito difícil de aturar, contudo, como se tratava de um jogador com algum valor no tabuleiro, a presença um tanto inquietante de Matias era tolerada pelos enxadristas. "É só um pobre diabo. Deixem-no jogar", era o que pensavam.

Matias jogava, de fato, mas sua triste aparência e o jeito delirante não disfarçavam aquilo que tão fundo lhe afligia, muito mais até do que a fome e as privações: a ingratidão, a imensa ingratidão, a indesculpável ingratidão de Cidinha! Quando não estava jogando, ficava com o olhar perdido, fitando minutos a fio coisas sem importância como um palito de fósforo usado, uma folha seca ou pequeno inseto a vagar pelo chão. Para os jogadores mais velhos, homens talhados sob o pesado formão da experiência, aquilo era claro e indiscutível mal de amor, que em nada havia diminuído com o passar do tempo.

E nessa aflição constante Matias cada vez mais decaía em carne e espírito, consumido pela acidez de um querer não querido. Ele, que já era magro, parecia perder mais peso a cada dia. Sua face ficou encovada e os olhos pareciam desfocados, estranhos. A camisa velha mal parecia se mexer quando ele respirava. Já não falava de perseguições nem de desagrvos que faria. Ficava só quieto e jogava, mas até sua força como enxadrista tinha diminuído. No tabuleiro, onde antes havia uma faísca de criatividade a indicar uma alma ainda combativa, restava apenas a apatia, um empurrador mecânico de cavalos, bispos e peões. Vida e xadrez: parecia que Matias se deixava encurralar nos dois jogos...

Certa manhã Matias se aproximou dos tabuleiros, mas não jogou. Sentou-se num banco e seu olhar vago perambulou pelos troncos e folhas das árvores, pelas peças de xadrez e pelos jogadores que as conduziam, mas detinha-se pouco sobre coisas e pessoas. Ele recusou os convites que lhe fizeram para jogar com sua habitual expressão de poucos amigos, então, como todos ali conheciam seu jeito esquisito, foi rapidamente deixado em paz e seguiram-se as partidas até o fim do dia.

Já anoitecendo, Matias falou algo que na hora passou despercebido, mas que dito em retrospectiva pareceu pleno de significado: "cansei de xadrez. O tarô me dá mais ideias". Falou isso e afastou-se para o lado da praça onde costumava passar a noite.

Bem cedo na manhã seguinte encontraram-no enforcado num galho de árvore, mas não como na carta de tarô, que mostra um homem tristemente enlaçado pelo pé. A morte veio para Matias do jeito tradicional, com um laço duplo de corda de náilon — dessas baratas que se usa para pendurar roupas — a lhe apertar firmemente o pescoço. Na sempre hedionda rigidez cadavérica, a cabeça de Matias tinha ficado roxa e a língua lhe pendia boca afora. A brisa tangia seu corpo magro, que girava devagar e oscilava fracamente preso à corda.

Mais tarde, no bolso de sua calça encontraram a rainha do seu jogo de xadrez cuidadosamente embrulhada numa nota de cinco reais. Nenhuma outra peça foi encontrada com ele, só aquela rainha de material vagabundo no bolso da calça puída. Durante o inquérito policial, apurou-se que aquela nota de cinco reais foi o último dinheiro que Matias teve consigo. Nem mesmo uma moedinha a mais foi encontrada entre seus poucos pertences escondidos sob o banco de concreto do posto desativado.

A conclusão dos jogadores mais velhos, daqueles que ainda tinham imaginação vívida e se condoeram pelo estranho parceiro de jogo, foi que antes de morrer Matias ornamentou Cidinha com o vestido mais caro que pôde pagar.

